



MEDECINS SANS FRONTIERES
MÉDICOS SEM FRONTEIRAS

CHOQUE DE REALIDADE: O ENCONTRO DE ALTO NÍVEL DA ONU SOBRE MIGRANTES E REFUGIADOS

No dia 19 de setembro, pela primeira vez na história, os países-membros da ONU se reunirão para trabalhar em uma “abordagem mais coordenada e humana para lidar com o grande fluxo de refugiados e migrantes” e aprovar a Declaração de Nova York. Com 5.749¹ pessoas mortas ao tentar cruzar fronteiras em diversas partes do mundo somente nos últimos 12 meses, e com equipes da organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF) prestando cuidados a milhares de homens, mulheres e crianças que sofrem os efeitos de políticas migratórias e de asilo crescentemente restritivas, esse encontro não poderia acontecer em hora mais propícia.

Ainda que o esboço da Declaração de Nova York pareça bem-intencionado, seu conteúdo é bastante vago e carece do senso de urgência necessário para realmente melhorar as vidas dos migrantes e refugiados. A declaração que visa obter “resultados concretos em 2018” é desconectada de qualquer vontade real de lutar contra a crise global de deslocamento que vemos hoje. A realidade, testemunhada por equipes de MSF no México, em Camarões e na Grécia, entre outros países e lugares, é que muitos dos países-membros da ONU que possivelmente assinarão a declaração já estão violando o seu texto, com políticas de migração e asilo danosas que aumentam o sofrimento de milhões de migrantes e refugiados.

Na véspera da reunião de Nova York, um choque de realidade é necessário. Abaixo estão listados apenas alguns dos contextos em que MSF trabalha com refugiados e migrantes e que apresentam algumas das situações mais terríveis hoje:

CHOQUE DE REALIDADE: REFUGIADOS SÍRIOS NA BERMA

¹ Número de mortes contabilizado pelo projeto Missing Migrantes, da Organização Internacional para Migrações, de Setembro de 2015 ao início de setembro de 2016

No dia 21 de junho, em nome da segurança nacional, a Jordânia fechou a sua fronteira norte com a Síria depois que um carro bomba atingiu uma base militar jordaniana próxima à área chamada de “Berma” (acostamento). Essa decisão deixou 75 mil pessoas (4 em cada 5 mulheres e crianças) presas no deserto sem qualquer assistência, com acesso insuficiente a água e quase nenhum acesso a alimentos (no início de agosto, agências da ONU usaram um guindaste para distribuir suprimentos de alimentos que durariam cerca de um mês). A Berma não é, de fato, um campo de refugiados, mas um assentamento de pessoas que fogem da guerra. Atualmente, nenhum agente humanitário consegue prestar assistência a elas, o que significa que carecem de serviços básicos.

De 16 de maio a 21 de junho, MSF pôde acessar a população retida na Berma. Equipes de MSF atenderam pacientes com condições crônicas de saúde e doenças graves – como diabetes, problemas de coração, câncer e anomalias congênitas –, que precisavam de cuidados médicos para poder sobreviver. Nas 3.501 consultas realizadas, nossas equipes atenderam mais de 200 crianças desnutridas (das quais 10 apresentavam desnutrição grave) e 450 grávidas, incluindo pacientes com gravidez de alto risco, e realizaram um parto.

A população está presa em uma faixa de terra extremamente inóspita, sem assistência humanitária adequada e ainda vulnerável à violência vinda da Síria. A proteção e as necessidades legais e humanitárias dos refugiados devem ser o único critério para resolver essa situação. A prestação de ajuda humanitária para a Berma deve ser urgentemente retomada e as pessoas que se encontram ali, presas e precisando de proteção, devem ser autorizadas a entrar na Jordânia ou encaminhadas para algum outro lugar. Apesar de estar claro que a retomada das atividades de ajuda humanitária é não uma solução de longo prazo, deixar que tantas pessoas sofram no deserto é algo totalmente inaceitável.

CHOQUE DE REALIDADE: VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA E SOLICITANTES DE ASILO DA AMÉRICA CENTRAL NO MÉXICO E NOS EUA

Todo ano, cerca de 300 mil pessoas fogem da violência e da pobreza em El Salvador, Honduras e Guatemala e entram no México com a esperança de chegar aos Estados Unidos. A violência que essas pessoas experimentam não é diferente da que é vista nas zonas de guerra no mundo inteiro. Assassinatos, sequestros, ameaças, recrutamento de agentes armados, extorsão e desaparecimento forçado são o fardo diário de milhares de pessoas que vivem em áreas controladas na prática por gangues e grupos criminosos; 16% dos pacientes provenientes daqueles três países assistidos por equipes de MSF no México relataram os ataques diretos como a principal razão para fugir de suas casas, enquanto cerca de 40% decidiram sair depois de receber ameaças.

Populações da América Central que entram clandestinamente no México são sistematicamente expostas a novos episódios de violência no país; 68% da população migrante assistida por equipes de MSF relatou ter sido vítima de violência em sua viagem em direção aos Estados Unidos. Um terço das mulheres sofreu abusos sexuais. As consequências

da violência na saúde mental e na capacidade de buscar assistência são surpreendentes: 47% das vítimas relataram ter sido psicologicamente afetadas pela violência a que foram submetidas ou que testemunharam. A grande maioria (59%) dos migrantes afetados pela violência não procurou nenhum tipo de assistência durante sua passagem pelo México, apesar das necessidades identificadas, principalmente por temer por sua segurança e pelo medo de sofrer retaliação ou deportação. Não há dúvida de que a legislação mexicana que prevê o acesso à saúde por parte de qualquer um que esteja em seu território – independentemente de seu status administrativo – não é respeitada na prática.

O Programa Fronteira Sul, implementado no México com apoio financeiro dos Estados Unidos, expõe vítimas da violência na América Central a ainda mais violência, e priva essa população sistematicamente dos mecanismos de asilo e proteção de que ela necessita. Apesar de já existirem precedentes para que vítimas de gangues organizadas peçam e recebam refúgio, apenas 0,5% das pessoas fugindo de El Salvador e Honduras receberam asilo no México. Em 2015, o governo mexicano deportou 150 mil pessoas vindas de El Salvador, Guatemala e Honduras, 44% a mais do que no ano anterior. A situação dos que chegam aos Estados Unidos é igualmente preocupante. Os que são pegos pelas autoridades de migração e fazem uma solicitação de asilo são mantidas em centros de detenção para esperar por uma audiência diante de um juiz. A pouquíssimas delas o asilo é concedido.

Apesar do temor legítimo por suas vidas, as pessoas que fogem da violência na América Central são sistematicamente deportadas do México e dos Estados Unidos para os seus países de origem, o que constitui uma violação ao princípio de *non-refoulement*. A falta de acesso a cuidados de saúde, proteção e assistência humanitária para a população que foge da violência na América Central deve ser considerada uma falha coletiva dos Estados dessa região.

CHOQUE DE REALIDADE: REFUGIADOS SOMALIS EM DADAAB

O extenso acampamento de Dadaab, no Quênia, é o lar de cerca de 350 mil refugiados somalis, o que faz dele o maior campo de refugiados do mundo. Planejado há mais de 20 anos como um campo temporário, ele só aumentou e sofre com a constante falta de financiamento. A insegurança e a violência também assolam as vidas dos habitantes do campo.

Em novembro de 2013, um acordo trilateral foi assinado pelos governos do Quênia, da Somália e pelo ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), para promover a repatriação voluntária dos habitantes do campo, depois que segurança começou a melhorar na Somália. No entanto, como a segurança voltando a piorar depois, poucas pessoas quiseram voltar para “casa”. Com a proximidade do fim do acordo de três anos, o governo do Quênia comunicou publicamente que deve acelerar a volta dos residentes de Dadaab para a Somália por “razões econômicas, ambientais e de segurança”.

Apesar dos repetidos relatos de que os residentes do campo carecem de água, alimentos e abrigo, participantes de grupos de discussão e de uma pesquisa domiciliar realizada por MSF em agosto de 2016 indicam que eles preferem continuar em Dadaab, onde se sentem mais seguros e podem ter acesso a serviços básicos de saúde e educação. Mesmo sem poder viver ou se locomover livremente fora dos limites do campo, para a maioria das pessoas as

condições em Dadaab são superiores à instabilidade, à insegurança e à falta de serviços básicos da Somália.

Na Declaração de Nova York, os governos vão afirmar que campos de refugiados devem ser uma exceção, e não uma regra para a administração dos fluxos de refugiados. Ainda que manter centenas de milhares de refugiados no limbo em Dadaab definitivamente não seja uma solução a longo prazo, forçá-los a voltar para a Somália é desumano e viola o princípio internacional do *non-refoulement*, que proíbe que pessoas sejam devolvidas à força para lugares em que correm perigo.

Mesmo que seja evidente que campos de refugiados não são ideais para conseguir soluções definitivas para os refugiados, fechá-los não deveria colocar a população em um perigo maior. MSF se opõe fortemente à intenção do governo queniano de fechar o campo de Dadaab. Sem qualquer alternativa viável sendo oferecida, o fechamento do campo significa a volta forçada dos refugiados à Somália, o que pode levar a consequências dramáticas e fatais para centenas de milhares de pessoas.

CHOQUE DE REALIDADE: REFUGIADOS E MIGRANTES NA LÍBIA

Desde o início de suas operações de busca e resgate no Mediterrâneo Central, no ano passado, equipes de MSF salvaram mais de 34 mil pessoas de se afogarem e atenderam muitas outras. Independentemente do país de origem ou da motivação para tentar chegar à Europa, quase todos os resgatados nesse trecho do oceano passaram pela Líbia.

Muitas pessoas relatam ter sofrido violência na Líbia, enquanto quase todos os resgatados afirmam ter testemunhado violência extrema contra refugiados, solicitantes de asilo e migrantes, em atos como espancamentos, açoitamentos, abuso sexual e assassinatos. Equipes médicas de MSF a bordo de três navios de resgate no Mediterrâneo continuam tratando e testemunhando as consequências da violência física e psicológica sofrida por homens, mulheres e, em número cada vez maior, crianças desacompanhadas (algumas muito novas, de até 10 anos de idade). Ainda que seja difícil identificar de forma definitiva traumas mentais no pouco tempo que esses pacientes ficam nos navios de MSF, as evidências de violência física são inconfundíveis, e estão relacionadas a condições desumanas de detenção, tortura e tratamento degradante, incluindo violência sexual.

Médicos de MSF presenciaram incontáveis exemplos de abuso e brutalidade sofridos na rota migratória que passa pela Líbia. Eles atenderam um senhor com uma infecção de uma semana causada por um ferimento de machado no antebraço; uma jovem com um tímpano perfurado em consequência de repetidos golpes na cabeça; homens com inchaços graves em decorrência de golpes na virilha; um homem com uma clavícula quebrada e extensas cicatrizes por causa da violência que sofreu durante a detenção; e um homem com os ossos da mão estilhaçados por receber muitos golpes com um rifle Kalashnikov. Muitas mulheres relatam que foram estupradas, forçadas a se prostituírem ou mantidas em cativeiro como escravas domésticas. Também relataram casos de gestações indesejadas, dentes arrancados e mãos queimadas com fogo.

CHOQUE DE REALIDADE: A TRAVESSIA DO MEDITERRÂNEO

Até agora, neste ano, 3.198 pessoas morreram tentando chegar à Europa. A travessia do mar Mediterrâneo Central, da Líbia até a Itália, é hoje quase duas vezes mais letal do que no ano passado. Aparentemente sem nenhuma vontade política para oferecer alternativas legais e seguras a essa travessia mortal, políticas adotadas pela União Europeia e por governos europeus continuam a cortar as rotas de saída mais seguras, deixando as pessoas sem escolha a não ser recorrer aos botes superlotados que partem em direção à Europa.

Enquanto a Declaração de Nova York promete reforçar os mecanismos de busca e resgate no mar e em terra, na Europa, hoje, busca e resgate continuam sendo apenas um efeito colateral do controle de fronteiras, e não uma prioridade. De fato, operações militares e contra o contrabando feitas pelos países da União Europeia também resgatam migrantes e refugiados de botes e barcos em dificuldades, mas fazem isso mais como consequência do que como objetivo. Estabelecer rotas seguras e legais é a única forma de acabar com as mortes no mar. MSF solicitou repetidas vezes mecanismos de busca e resgate proativos, a fim de complementar os esforços feitos pelo governo italiano no Mediterrâneo Central. Nossa experiência mostrou que, para salvar vidas, as operações de resgate precisam ser ambiciosas, patrulhando nas áreas mais próximas possíveis dos locais de partida. Porém, até agora, apenas ONGs como MSF estão preenchendo essa lacuna.

CHOQUE DE REALIDADE: RECEPÇÃO E TRÂNSITO NA ITÁLIA, GRÉCIA E NOS BALCÃS

Dois anos após o início da chamada crise europeia de refugiados, a situação em muitos países da Europa continua sendo caótica e desumana. Nos seis meses que se seguiram ao acordo entre União Europeia e Turquia, assinado pelos 28 países-membros da União Europeia que estarão presentes em Nova York, o direito de buscar asilo na União Europeia está agora perigosamente restrito, com milhares de pessoas retidas nas fronteiras e privadas de proteção, vivendo em condições terríveis e com pouquíssima esperança em relação ao futuro.

Com a aprovação dos países da UE, e em violação ao princípio de *non-refoulement*, homens, mulheres e crianças – incluindo as que estão em situação mais vulnerável – são empurrados de volta e barradas nas fronteiras de Bulgária, Sérvia e Hungria, sem qualquer avaliação de suas necessidades de proteção. Essas pessoas são empurradas de volta para os sistemas ineficientes de asilo na Turquia, Sérvia ou Grécia e forçadas a viver em condições desumanas.

O fechamento progressivo da rota dos Balcãs que passa por Macedônia, Bulgária, Eslovênia, Croácia e Hungria fez com que os contrabandistas se tornassem a única opção de trânsito dentro da Europa. A militarização das fronteiras desses países levou a um aumento espantoso na violência. Dados de MSF mostram que aproximadamente um em cada três pacientes que vão às clínicas de MSF nos Balcãs relatam casos de abuso e violência, incluindo mulheres e crianças. A situação se tornou tão grave no fim de agosto que equipes de MSF na Sérvia tiveram que transferir pacientes a hospitais, devido à gravidade de seus ferimentos. Embora contrabandistas possivelmente respondam por parte desses atos de violência, pacientes relatam que pelo menos metade deles é cometido por autoridades.

Apesar de a Declaração de Nova York prometer uma “recepção centrada nas pessoas, sensível, digna, humana, rápida e adequada ao gênero para todos aqueles que chegarem”, a realidade é que, em todos os países, o sistema de recepção não oferece adequadamente os cuidados e serviços necessários a todos que fugiram de suas casas.

Após o acordo entre a União Europeia e a Turquia, mais de 13 mil pessoas continuam presas em ilhas gregas, amontoadas em espaços feitos para abrigar 7.450 pessoas, onde a falta de serviços básicos (inclusive cuidados de saúde e água), além da falta de acesso à informação, leva a altos níveis de tensão. A situação no continente não é muito melhor; as condições de muitos campos são abaixo dos padrões, com alguns construídos com substâncias nocivas, como o amianto. Cerca de um quarto dos pacientes de MSF na Grécia apresenta sintomas de depressão e ansiedade. Na Itália, um número crescente de pessoas está excluído do sistema formal de recepção e vive em condições terríveis, em campos pequenos e improvisados, com acesso muito limitado a cuidados de saúde e outros serviços básicos.

A Declaração de Nova York promete que “as necessidades especiais de todas as pessoas em situação vulnerável serão reconhecidas”, mas tanto a Grécia como a Itália estão terrivelmente despreparadas para oferecer os serviços adequados aos grupos mais vulneráveis. Por exemplo: mais de 90% dos menores que chegam à Itália estão desacompanhados – alguns são muito jovens, com cerca de 10 anos de idade. Essas crianças não só experimentam e testemunham incidentes horríveis em suas viagens como também, chegando à Itália e à Grécia, são detidas ou mantidas em centros de recepção fechados, em vez de serem encaminhadas para instalações que podem atender às necessidades específicas dos sobreviventes de traumas de infância.

Serviços de saúde mental raramente são oferecidos na Grécia e na Itália, e os dois países carecem de serviços e estruturas adaptados para as vítimas de tortura, ou de avaliações para detectar os mais vulneráveis. Os sistemas de recepção na Itália, na Grécia e nos Bálcãs também falham em oferecer assistência a sobreviventes de violência sexual e pessoas com deficiências ou condições médicas graves. A equipe de MSF na Sérvia, por exemplo, diagnosticou um câncer de mama em uma jovem afegã. Depois de realizar uma mastectomia na Grécia, ela não pôde ficar para continuar o seu tratamento de radioterapia e quimioterapia, podendo ter uma recaída a qualquer momento na Sérvia, onde vivia em condições muito precárias, esperando cruzar a fronteira húngara e sem acesso a cuidados essenciais de saúde. Submeter pessoas em condições tão sérias a essa situação contraria o direito a cuidados de saúde – assim como as promessas que deverão ser feitas na Declaração de Nova York.

Apesar das promessas feitas na Declaração de Nova York e dos milhões de euros investidos pela União Europeia, as pessoas que chegam aos países europeus em que MSF trabalha não encontram refúgio, sendo obrigadas a enfrentar mais sofrimento – detenção, violência, péssimas condições de moradia e falta de acesso a serviços básicos. Países europeus estão fracassando coletivamente em relação àqueles que prometeram proteger.

CHOQUE DE REALIDADE: FUGINDO DA VIOLÊNCIA NO LAGO CHADE

Cerca de 2,6 milhões de pessoas foram forçadas a fugir de suas casas no nordeste da Nigéria em decorrência dos ataques violentos cometidos por combatentes do Boko Haram e pelas forças militares que combatem o grupo. A população civil paga o preço da violência extrema e é deixada com pouquíssimos meios de sobreviver e pouca esperança para reconstruir a vida. Alguns recebem assistência em campos de refugiados, enquanto a maioria vive em condições precárias nas comunidades anfitriãs, onde os recursos normalmente já são limitados. Alguns procuraram refúgio ou foram forçadamente transferidos a locais em que estão retidos e totalmente dependentes de assistência externa. A grande insegurança nessas áreas dificulta a prestação de ajuda, deixando a população em situações terríveis, sem condições básicas de vida e saúde. MSF atende a população deslocada em localidades da Nigéria, de Camarões, do Chade e do Níger, onde há uma preocupante prevalência de epidemias e doenças relacionadas a condições de vida precárias, como enfermidades causadas por água contaminada e altos índices de desnutrição.

A violência e os deslocamentos pioram uma situação já complicada em uma região que sofre com pobreza, vulnerabilidade extrema, insegurança alimentar, surtos recorrentes de doenças e um sistema de saúde quase inexistente. As pessoas afetadas pela crise contínua necessitam urgentemente de alimentos, água potável, abrigo, cuidados de saúde, proteção e educação. É uma crise dentro de outra crise.

Hoje, pessoas estão presas – sem a perspectiva de poderem voltar para suas casas, sem ter meios de reconstruir suas vidas e sem um ambiente adequado para criar os filhos com segurança e dignidade.

CHOQUE DE REALIDADE: POVO ROHINGYA NO SUDESTE ASIÁTICO

Por muitos anos, o povo rohingya de Mianmar não tem tido muita opção além de usar serviços de contrabandistas para fugir da perseguição. Como uma minoria sem Estado, não há outra maneira de eles fugirem do país, e mesmo que as saídas do país tenham diminuído depois de uma repressão às redes de tráfico humano, alguns continuam tentando fugir. No estado de Rakhine, o povo rohingya é submetido a sérias restrições de movimento – tanto os que vivem em campos de deslocados como os que vivem em seus próprios vilarejos –, o que limita seu acesso à saúde há anos. Fora dos campos de deslocados, MSF é uma das suas únicas opções para conseguir ter acesso a cuidados básicos de saúde.

Muitos rohingyas fugiram para Bangladesh, onde quase meio milhão deles está vivendo atualmente, mas a maioria não tem o status formal de refugiado e vive em uma espécie de limbo legal. Isso faz com que eles enfrentem dificuldades extremas para ter acesso a serviços de saúde, de apoio ou de proteção contra a exploração. Eles estão extremamente vulneráveis à exploração. Nos últimos anos, muitos rohingyas fugiram de Mianmar e Bangladesh para terceiros países, especialmente para a Malásia, mas também para Indonésia e Tailândia. Muitos bengalis também seguiram essa rota, vendo nos botes de traficantes a única opção viável para melhorar sua situação.

Quando chegam aos destinos que escolheram na região, os rohingyas solicitantes de asilo enfrentam consideráveis dificuldades. Como essas nações não são signatárias da Convenção dos Refugiados, eles não têm meios de obter um status legal de refugiados, o que afeta, mais

uma vez, sua capacidade de acesso a cuidados de saúde e de suprir outras necessidades, além de estarem submetidos ao iminente risco de prisão ou detenção.